

Como Usar Este Recurso

Este recurso provê informações sobre a mobilização da comunidade como uma abordagem para a equidade em saúde na América Latina e no Caribe. Utilize este recurso para entender os conceitos fundamentais e as estratégias para implementar práticas de mobilização no seu trabalho de equidade em saúde

Para mais contexto sobre mobilização e equidade em saúde

Para aproveitar ao máximo este recurso, Partners for Advancing Health Equity (P4HE Collaborative) recomenda revisar os recursos de nivelamento fornecidos aos participantes durante este sprint de workshops, listados na caixa de texto abaixo. Para obter mais informações sobre a mobilização da comunidade latino-americana e caribenha para a saúde, consulte [Moving to Action: Mobilization of Community for Health in Latin America and the Caribbean](#).

Nivelamento

Quer conhecer mais sobre a história da mobilização para a equidade em saúde na América Latina e no Caribe? Abaixo tem os recursos de nivelamento recomendados pelos facilitadores do workshop

Ler

- › [The Language, Dance, and Music of the Garifuna](#)
- › [Combating Precariousness in Brazil's Unified Health System](#)
- › [Argentina Conducts Census of its Afro Community for the First Time](#)

Ouvir

- › [Garifuna Sistas Talk Spirituality Podcast Series](#)

Assistir

- › [A Story About the Garifuna Documentary](#)
- › [6ª Caminhada Tembwa Ngeemba - Tempo de Paz](#)
- › [Afro-descendants and Legal Rights in Argentina: Intersectional Activism](#)

Procurando recursos em espanhol?

- › Vea nuestro documento de enfoques en español

Foco do Workshop

O *Partners for Advancing Health Equity (P4HE Collaborative)* promoveu uma série de workshops sobre saúde na América Latina e no Caribe. A partir de uma lente da antropologia cultural, a série abordou a importância da participação e da mobilização comunitária, destacando estratégias para fortalecer o engajamento das comunidades como parte fundamental das práticas em saúde pública.

› **Sessão 1** Nesta sessão, os palestrantes apresentaram o conceito de envolvimento comunitário como motor para a melhoria dos resultados em saúde, a partir de estudos de caso com comunidades Garifuna em Honduras, na Nicarágua, em Nova York e em outros contextos internacionais. Mirtha Colón e Alfredo González conduziram a discussão.

› **Sessão 2** Os palestrantes exploraram como as práticas de saúde do Candomblé no Brasil foram reconhecidas formalmente pelo sistema público de saúde, mostrando como o engajamento comunitário pode promover avanços em equidade e inclusão. A sessão foi liderada por Sueli Conceição e Cláudia Santos Malenduka.

› **Sessão 3** A sessão abordou a história dos afrodescendentes na Argentina e o recente reconhecimento da população afro-argentina no censo nacional, destacando esse processo como exemplo de mobilização em prol da equidade em saúde. Carlos Álvarez Nazareno e Lucía Dominga Molina Sandez lideraram essa conversa.



Passando à Ação

As seções a seguir apresentam lições extraídas das experiências compartilhadas no workshop, com o objetivo de inspirar mudanças em práticas de pesquisa, ativismo e formulação de políticas em saúde comunitária.

Estudio de Caso: Abordagem ao HIV

Em 2023, a prevalência estimada de HIV em Honduras foi de 0,2% entre pessoas de 15 a 49 anos. Isso representa uma queda significativa em relação a 2006, quando o CDC e o Ministério da Saúde de Honduras estimaram que, naquela época, 4,5% dos Garifuna em Honduras viviam com HIV. Hondurans Against AIDS (HAA) foi estabelecida no início dos anos 1990 no Bronx, Nova York, e desempenha um papel crucial na organização comunitária para a prevenção, testagem e tratamento do HIV. Esta iniciativa serve como um exemplo notável dos esforços de mobilização dentro da comunidade Garifuna. A HAA trabalha para preparar a comunidade e ajudar aqueles que testam positivo, incentivando os indivíduos a falarem por si mesmos, serem ouvidos e receberem cuidados de saúde, seja em Honduras ou na cidade de Nova York. Os Garifuna há muito lutam contra o racismo, inclusive na área da saúde, e têm experiência em organizar-se para defender a testagem, tratamento do HIV e acesso mais amplo aos cuidados de saúde. Esta mobilização é essencial para abordar as disparidades de saúde enfrentadas pela comunidade Garifuna e enfatiza a importância da saúde comunitária como determinante da saúde individual. A experiência da comunidade Garifuna pode servir como um caso instrutivo para aqueles que reconhecem injustiças na saúde e agem em resposta.

Lições dos defensores Garifuna

- **Valorizar práticas culturais que promovem a saúde.** A conexão entre saberes tradicionais e a biomedicina pode fortalecer os sistemas de saúde e corrigir injustiças históricas. As experiências Garifuna mostram a importância de respeitar práticas culturais que contribuem para o bem-estar coletivo, em contraste com a tendência histórica de apagamento dessas tradições durante o período colonial.
- **Atentar para preconceitos na ciência e na saúde.** A ideia de que a ciência é neutra pode reforçar estigmas e desigualdades. A estrutura matrilinear das comunidades Garifuna, por exemplo, é frequentemente mal interpretada por lentes ocidentais. Tais distorções afetam o cuidado em saúde, como evidenciado nos casos de HIV, onde suposições sobre promiscuidade influenciam decisões clínicas e geram disparidades no acesso ao tratamento.

Os Garifuna são uma comunidade Afro-indígena com origens em São Vicente e Granadinas, que foram originalmente povoadas por os caribes que chegaram às ilhas por volta do ano 1000 d.C. Para mais informação sobre a história do povo Garifuna, consulte nosso recurso de Enfoques para a Equidade em Saúde deste workshop.



› **Persistência e consistência como força de mudança.**

Mobilizações duradouras, como as lideradas por defensores Garifuna em parceria com organizações em Honduras, demonstram que mudanças estruturais exigem ações contínuas — petições, campanhas, contato direto com autoridades — ao longo do tempo através das contínuas parcerias dos defensores Garifuna com organizações sediadas em Honduras, trabalhando para defender a conscientização e prevenção do HIV/AIDS entre as comunidades Garifuna e hondurenhas.

Estudo de caso: Reconhecimento do Candomblé como Parte do Sistema de Saúde Brasileiro

O Candomblé é uma religião afro-brasileira com raízes na tradição iorubá, trazida por pessoas traficadas durante o [Comércio Transatlântico de Escravizados](#). Essa tradição espiritual tem sido um meio fundamental para manter a conexão com a ancestralidade e fortalecer os laços comunitários. No contexto da saúde, o Candomblé oferece [práticas de cura que valorizam o uso de elementos naturais](#), o cuidado coletivo e o bem-estar integral. Ao longo de grande parte da história do Brasil, no entanto, o [Candomblé foi marginalizado](#) e seus praticantes foram forçados a exercer sua fé em segredo, muitas vezes se identificando publicamente como católicos para evitar perseguições. Os terreiros — espaços sagrados de culto — desempenham também o papel de centros comunitários de cuidado e cura, onde saberes tradicionais são preservados e compartilhados. O reconhecimento formal dessas práticas como parte do sistema de saúde brasileiro representa um passo importante na valorização da diversidade cultural e espiritual do país. A experiência brasileira com o Candomblé mostra como o respeito às tradições culturais pode fortalecer os sistemas de saúde, promover equidade e reconectar as pessoas com suas raízes.

Lições sobre o Reconhecimento de Nuances Culturais na Atenção à Saúde

- › **Integrar práticas tradicionais aos cuidados de saúde.** O reconhecimento de tradições culturais pode reduzir estigmas e [fortalecer estratégias de saúde voltadas a grupos historicamente marginalizados](#).
- › **Proteger e legitimar crenças culturais minoritárias.** Incentivar os praticantes a compartilharem sua afiliação a crenças culturais minoritárias [pode promover a saúde](#), conectando-os a outras pessoas e à sua herança. O acesso a ervas e medicamentos tradicionais—com base em séculos de experiência humana—pode ter um impacto positivo na saúde. Defender o reconhecimento e incentivar os membros de grupos marginalizados a se representarem no censo pode fortalecer o [pluralismo](#), aumentando a visibilidade e promovendo a abertura e aceitação de todas as crenças culturais.



- › **Promover visibilidade cultural como estratégia de cuidado.** Tornar as crenças culturais visíveis permite que profissionais de saúde ofereçam tratamentos mais sensíveis e adequados às realidades das comunidades atendidas.

Estudo de caso: O Impacto na Saúde do Reconhecimento da Herança Africana na Argentina

O reconhecimento da ascendência africana na Argentina remonta a um censo de 1778 que encontrou que 37% dos argentinos eram de ascendência africana. A última medição registrada antes de 2010 mostrou que os afrodescendentes constituíam 30% da população de Buenos Aires em 1816. Entre 1816 e 2010, a Argentina deixou de registrar dados raciais no censo. Em 2010, o censo incluiu uma pergunta piloto sobre a ascendência africana. Os dados coletados indicaram que aproximadamente 0,5% dos argentinos se identificaram como descendentes de herança africana em 2010. Como o reconhecimento da herança africana afeta o conhecimento de uma pessoa sobre sua predisposição a certas condições de saúde, a conscientização sobre a prevalência da ascendência africana na Argentina pode ter impactos importantes na saúde. Existem várias maneiras de melhorar a visibilidade na Argentina, com lições para comunidades de todo o mundo.

Lições sobre a Mobilização Comunitária

- › **Advogar pela visibilidade.** Ativistas argentinos têm sido fundamentais na defesa da inclusão da pergunta sobre ascendência africana no censo argentino, aumentando assim a conscientização e o reconhecimento de sua comunidade. Engajar-se com o governo é outra abordagem crucial. Trabalhar dentro de estruturas governamentais pode ajudar a aumentar a conscientização sobre ascendência indígena e africana, tradições, saúde, bem-estar e direitos. O ativismo e o trabalho governamental não precisam ser mutuamente exclusivos. O facilitador do workshop, Carlos Álvarez Nazareno, exemplifica isso ao atuar tanto no governo quanto na organização externa em prol dos direitos do povo afro-argentino.
- › **Conscientizar sobre desigualdades na saúde.** Uma maneira de fazer isso é educando os jovens sobre disparidades na saúde por meio de currículos e mídias. Isso garante que públicos de todas as idades compreendam a importância de abordar essas questões. Integrar a história dos povos africanos e indígenas na América Latina e no Caribe nos contextos acadêmicos promove uma compreensão mais profunda de suas contribuições e lutas. As narrativas históricas frequentemente deixam de lado a complexidade e a realidade dos descendentes africanos nas Américas, portanto, examinar documentos de fontes primárias é essencial para uma compreensão precisa.
- › **Promover respeito e compreensão.** Destaque e ensine a história única e o significado cultural do povo afro-argentino para educar comunidades mais amplas. Engaje-se ativamente com públicos diversos sobre a importância das tradições culturais e seu impacto na saúde e no bem-estar.



› **Experimente: Perguntas para a Ação**

Essas perguntas podem orientar conversas e iniciativas em direção a práticas de saúde mais equitativas e culturalmente fundamentadas:

- › Como integrar práticas culturais indígenas com práticas médicas formais em sua comunidade?
- › Que passos são necessários para reconhecer oficialmente essas práticas como parte do sistema de saúde?
- › De que forma religiões e tradições, como o Candomblé, podem contribuir para estratégias de promoção da saúde?
- › Qual é o papel do ativismo na transformação dos sistemas de saúde?
- › O que significaria o reconhecimento local da saúde indígena?
- › Como seria o reconhecimento das práticas de saúde indígenas e imigrantes nel nível nacional?
- › Como promover o pluralismo religioso dentro da atenção à saúde?
- › Como apoiar o ativismo voltado às crenças culturais minoritárias?
- › Como a biomedicina e a saúde indígena podem dialogar em seu território?
- › Quais movimentos de reconhecimento cultural e político já existem na sua comunidade?